

Entrevista

Fábio Lucas

Nilze Paganini*

Nilze Paganini: Ao lançar **Tendência**, em agosto de 1957, o senhor, Affonso Ávila e Rui Mourão eram muito jovens. O senhor, por exemplo, contava apenas com 26 anos, Affonso Ávila tinha 29 e Rui Mourão, 28. Hoje, 50 anos depois, o que o senhor reformularia da proposta de **Tendência**?

Fábio Lucas: A iniciativa de publicar a revista **Tendência** derivou de dois fatores concernentes à época: a massa crítica que se desenvolvia então, de um nacionalismo antiimperialista, e do engajamento participativo de que estávamos impregnados. Desejávamos ingressar na luta social com as armas de que dispúnhamos: o discurso argumentativo e a denúncia dos estratos superiores da sociedade, acomodados à aliança com as empresas multinacionais que exploram as riquezas do país, sem contribuições ao avanço sócio-econômico dos nacionais. Deste modo, entendíamos que a literatura de criação estaria exposta às sugestões da época. Assim sendo, não posso imaginar que reformulasse as propostas de então.

Se eu voltasse ao passado com os conhecimentos que acumulei, certamente haveria de refinar o pensamento. Mas isso constitui um sonho impossível.

NP: O senhor foi diretor de **Tendência** 1 (1957) e **Tendência** 2 (1958). Rui Mourão passou a ser o diretor nos números 3 (1960) e 4 (1962). Havia uma função, de fato, para o diretor?

FL: Fui diretor da revista **Tendência** por uma questão tática: eu tinha acesso à Imprensa Universitária, ora em implantação, e o então Reitor, Professor Lincoln Prates, a quem prestei assessoria, permitiu que usássemos as instalações da Imprensa, em fase experimental, sem ônus para nós, além de pequenas despesas de custeio. O nome “Tendência” foi escolhido por mim, para indicar a inclinação à esquerda que comandava o grupo. Éramos independentes e rigorosos na escolha do material a ser publicado. O foco: literatura nacional. Portanto, apologia dos escritores brasileiros fiéis à brasilidade. Quando fui contratado, em

* Entrevista realizada em setembro 2007.

regime de tempo integral, pela Faculdade de Ciências Econômicas, graças ao convite do Professor Ivon de Magalhães Pinto, achei mais prudente passar a diretoria da revista ao companheiro Rui Mourão, inteiramente integrado ao espírito da revista.

NP: E o secretário Adônís Martins Moreira que aparece no expediente dos dois primeiros números? Cumpria qual função?

FL: Adônís Martins Moreira era colega meu na Faculdade de Direito. Poeta, de inteligência excepcional, líder estudantil, tornou-se secretário da **Tendência**, ajudando-nos a colher e organizar as colaborações. Amigo da diretoria, retraía-se, modesto, deixando o maior espaço a Affonso Ávila, Rui Mourão e a mim. Leitor insaciável, chegou a fazer uma tradução do poema “Le Cimetière Marin” de Paul Valéry, em versos brancos, que logrei passar a Nelito de Oliveira,* que a publicou no Suplemento Literário do **Minas Gerais**, após a morte do Adônís. O amigo deixou uma coletânea de poemas que espero editar um dia.

NP: A quem se dirigia **Tendência**? Qual era seu público-alvo?

FL: Verdadeiramente não havia um público-alvo de **Tendência**. Se a revista incorporava uma intencionalidade,

penso que seria lida, de preferência, pelos leitores motivados pela causa nacional, então em rumorosa exposição nas ruas, na imprensa e nos meios políticos. Houve curioso equívoco na época: dadas as condições da imprensa, o impressor coloriu as letras de verde. Alguns integralistas acharam que éramos nacionalistas conservadores, da velha direita. Ao se defrontarem com citações numerosas de existencialistas (Sartre em primazia) e marxistas, desgostaram do projeto “Tendência”.

NP: Quem escrevia os editoriais de **Tendência**?

FL: Em princípio, os editoriais eram de minha autoria. Mas estavam afinados com os propósitos do grupo. Tínhamos intenções aglutinantes, aspirávamos que a revista cobrisse o país inteiro.

NP: No seu primeiro editorial, **Tendência** dizia ligar-se a uma orientação, buscando uma homogeneidade de concepções. Ao mesmo tempo, a revista abriu um grande espaço para colaboradores. Os colaboradores eram escolhidos de acordo com a proposta da revista de um “nacionalismo-crítico-estético”, expressão de Affonso Ávila?

FL: Sempre chamamos a atenção para o fato de que a uma causa revolucionária deveria corresponder uma forma revolucionária. Daí nossos aplausos

* - Anelito Pereira de Oliveira, provavelmente.

ao experimentalismo e às vanguardas, assunto da época. Quem se detiver na doutrina da **Tendência** encontrará invariavelmente o apelo para o cuidado estético, para o bom acabamento da obra literária. De certa forma, ecoávamos as preocupações de Mário de Andrade, que se decepcionara com as facilidades com que o Modernismo agraciou as vocações para as letras, de tudo resultando uma produção irrisória, sentimental e desinteressante. A boa literatura deveria provir de boa técnica, adquirida ao fim de longo trabalho artesanal. O caso de Affonso Ávila é exemplar na poesia e de Rui Mourão na prosa. Ambos se foram renovando ao longo da carreira literária. Também tiveram um pé na **Tendência** Silviano Santiago e Affonso Romano de Sant'Anna. Dois nomes na prosa, ao tempo de **Tendência**, deitaram grandes esperanças: Wander Piroli (cujo modelo inicial seria Hemingway) e Gaspar Garreto (mais voltado, então, para Faulkner).**

NP: A revista foi impressa na Imprensa Universitária, da UFMG, na época em que o senhor foi assessor do reitor Lincoln Prates. Quem pagava os custos da impressão, ou seja, como a revista era financiada, uma vez que não vendia

** Silviano Santiago e Wander Piroli não publicaram em **Tendência**. Affonso Romano de Sant'Anna publicou o poema "A crise" em **Tendência** 4 (1962, p. 76-82) e Gaspar Garreto assinou "A lenta jornada de medo", em **Tendência** 3 (1960, p. 78-97).

espaços publicitários? A informação que tenho é que era distribuída gratuitamente aos intelectuais e colocada em consignação em livrarias.

FL: Para completar o que ficou dito acima, faço breve menção ao "Relatório do Reitor Lincoln Prates", publicado pela Imprensa Universitária da Universidade de Minas Gerais, em 1958. Dele consta, entre as publicações, o número 1 da Revista **Tendência** em agosto de 1957. A Imprensa estava em fase de implantação. É preciso assinalar que Lincoln Prates foi o maior realizador da transferência da UFMG para o *campus* da Pampulha. Criou a Cidade Universitária, após instituída a Comissão Supervisora de Planejamento e Execução e o aluguel do prédio que abrigou o Escritório Técnico da Cidade Universitária, à Rua Espírito Santo, 1186, onde trabalhamos Eduardo Mendes Guimarães Jr. (arquiteto que concebeu o prédio da Reitoria e, mais tarde, o estádio de futebol popularmente designado por "Mineirão") e eu (sob a direção do jurista Rui de Souza, encarregado de desapropriar e demarcar os terrenos da Cidade Universitária) que acompanhei no Rio de Janeiro o desembarço alfandegário de máquinas destinadas à Imprensa Universitária, cujo funcionamento principiou em outubro de 1956, à Rua Ouro Preto, 1197. Também acompanhei a publicação do **Boletim Informativo** da então Universidade de

Minas Gerais, com verdadeiro espírito universitário. Todas as unidades tinham espaço na publicação, inclusive os noticiários dos estudantes. As atividades culturais eram destacadas, especialmente os seminários de estudos da cultura mineira, criados pelo Reitor Lincoln Prates, que, além da Imprensa, criou o Teatro Universitário (o Professor Jean Beray fora contratado para lecionar arte dramática. Afastado, foi substituído por Carlos Kroeber, que preleccionava sobre arte cênica no prédio à Avenida Brasil, 1814); criou o Coral Universitário dirigido e regido, então, pelo estudante Isaac Karabtchevsky (posteriormente coube ao Maestro Sérgio Magnani dirigir o Coral); o Reitor Lincoln Prates ainda instalou a Biblioteca e Serviço Central de Informações Bibliográficas à Rua Espírito Santo, 1186. Criou, além do **Boletim Informativo**, a **Revista Brasileira de Estudos Políticos**, segundo proposta do Vice-Reitor Orlando de Carvalho, mais a série de obras saídas à época sob a orientação da revista e, além disso, o Reitor nomeou Eduardo Frieiro e Aires da Mata Machado Filho para organizar a Biblioteca de Autores Mineiros. Deste modo, a revista **Tendência** se beneficiou da visão abrangente do Reitor Lincoln Prates para sua edição. É bom que se destaque que foi o mais probo, modesto e eficiente servidor público que conheci. Não há rastro de nepotismo na sua

vida executiva. O mesmo se pode dizer do diretor da Faculdade de Ciências Econômicas, Prof. Ivon Magalhães Pinto, que nunca se utilizou de carro oficial para os seus deslocamentos. A revista **Tendência** esteve à venda nas livrarias de Belo Horizonte. Pessoalmente custeei a remessa de 50 exemplares à Livraria São José, do Rio. Venderam-se todos os exemplares, sem que, até hoje, houvesse prestação de contas por parte dos livreiros.

NP: Em um depoimento a Eliana da Conceição Tolentino, para sua dissertação de mestrado sobre a revista **Vocaçãõ**, o senhor disse que o Cyro dos Anjos era o presidente do IPASE e que ele liberava pagamentos de publicidade. **Tendência** 1 e 2 também apresentam propaganda do IPASE. Além disso, apareceu um texto do governador Bias Fortes, como um discurso, em **Tendência** 1 e um texto sobre atividades culturais da Prefeitura de Belo Horizonte em **Tendência** 4. Eram textos pagos?

FL: Era comum, na ocasião, buscarmos publicidade de onde pudesse vir. O setor privado era refratário à aventura intelectual dos jovens. No setor público encontramos algum apoio. Garantida a impressão, os outros itens de custeio, correspondência e impressão eram cobertos, em parte, pela publicidade.

NP: Os seus textos, em **Tendência**, mostraram uma evolução que se iniciou com uma interlocução com o campo do direito, sua área de formação universitária, e caminharam para a crítica literária, a lingüística, a filosofia, a sociologia, etc. O que se pode notar, contudo, é que o senhor manteve a mesma proposta de literatura nacional nos quatro números. **Tendência** 4 reafirmou os princípios de **Tendência** 1. O senhor começou revendo a conceituação de outros críticos sobre literatura nacional, para, finalmente, afirmar que uma literatura somente se tornaria nacional quando se transformasse em um dos instrumentos de afirmação de um grupo social que tivesse atingido o estado de solidariedade e coesão. Para isso, precisaria apoderar-se de meios de expressão convincentes que, além de traduzir o sentimento, refletissem uma forma nacional. Ou seja, para haver literatura nacional, seria preciso que o país se constituísse em uma nação. O senhor acredita na possibilidade de “formas nacionais”?

FL: As “formas nacionais” se impuseram com o tempo. Exemplo: a crônica, tal como praticada pelos escritores brasileiros, jungidos aos jornais e revistas, introduziu um espaço de lirismo, de crítica social e de humor ao linguajar informativo do veículo, transcendente da obrigação diária de trazer novidades para o leitor. A obra de Guimarães Rosa, por sua vez,

trouxe para o brasileiro uma linguagem literária exclusiva, tão genuinamente nacional que se tornou intraduzível, na sua plenitude, para outros idiomas. Guimarães Rosa, a meu ver, sem descurar os contributos de clássicos ocidentais e orientais, disse adeus ao eurocentrismo no modo de construir sua narrativa. Nem Machado de Assis ousou tanto, já que a sua retidão vernaculista lembra a lição dos clássicos portugueses. Quanto à doutrina nacionalista, chamo a atenção para os meus dizeres no “Conceito de Literatura Nacional” em **Tendência**, número 1, agosto de 1957 (há 50 anos, portanto): “Poder-se-ia resumir dizendo que, hodiernamente, o nacionalismo se manifesta na defesa do patrimônio econômico e cultural de um povo” (p. 21). Adiante, teremos: “A esta luta, pois, de resistência contra as dominações alienígenas, contra a destruição das reservas culturais dos povos é que damos o nome de *nacionalismo*” (p. 23). “A Literatura é parte de uma realidade cultural” (p. 26).***

NP: Nesse seu primeiro texto publicado em **Tendência**, o senhor discute o conceito de literatura de outros críticos, principalmente o de Sílvio Romero e o de Afrânio Coutinho. Por que não há

*** Ao invés de “A Literatura é parte de uma realidade cultural”, a frase foi impressa da seguinte forma: “A literatura é parte de uma unidade cultural.” (**Tendência**, 1957, p. 26).

nenhuma menção a Antonio Candido?

FL: Não éramos organizados na formulação de nossos desígnios, nem na utilização da bibliografia. Mas, se você reparar, há destaque, em **Tendência**, de citação de Antonio Candido. Mesmo no meu estudo acerca da literatura nacional, faço breve referência ao grande crítico e ensaísta brasileiro.**** Creio que, na época de **Tendência**, não logrei situar a proposta de Antonio Candido por uma literatura nacional. Mas ontem, como hoje, considero-o como uma das mais poderosas inteligências do país, talvez a personalidade literária mais influente no magistério de literatura em nosso país. Tanto assim que, quando integrei o grupo encarregado de conceder o Prêmio Camões, batalhei quanto pude para que o seu nome fosse escolhido. Tive a felicidade de encontrar resposta à minha indicação. Observe bem: na capa do número 1 da revista **Tendência** consta o nome de Antonio Candido. Transcrevemos pronunciamento dele sobre Guimarães Rosa. Em nossa ingenuidade sequer pedimos licença para fazê-lo. Na época, citavam-se livremente os autores saídos em suplementos

**** Não há referência a Antonio Candido em **Tendência**, nem da parte de Fábio Lucas, nem de qualquer outro articulista. O que existe, de fato, é a transcrição de um trecho de artigo sobre **Grande sertão: veredas**, de Guimarães Rosa, escrito por Antonio Candido para **O Estado de S. Paulo** em **Tendência** 1 (1957, p. 76), sendo que o nome do crítico aparece também no sumário daquele primeiro número da revista.

literários, desde que mencionada a fonte.

NP: Um intelectual que parece ter sido muito caro ao senhor foi Mário de Andrade. Ele foi muito citado em **Tendência** pelo senhor, além de ter merecido ensaios seus. O senhor considerou Mário de Andrade um modelo de intelectual?

FL: Ingressei na seara da literatura fascinado com as lições de Mário de Andrade. Naquela época, eu lia tudo de sua autoria que me caísse nas mãos. Com o tempo, reduzi sua influência sobre as minhas noções de literatura. Mas continuo a considerar Mário de Andrade como uma das grandes mentalidades fundadoras da cultura brasileira. A complexidade de nossa formação atual e a emergência de novas estruturas de comunicação ficaram, em alguns pontos, fora do alcance do pensamento de Mário de Andrade.

NP: Outro autor que apareceu com muita frequência em seus primeiros textos de **Tendência** foi Nelson Werneck Sodré. Como o senhor avalia a influência do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) na revista?

FL: A obra de Nelson Werneck Sodré **Introdução à Revolução Brasileira** fora por mim analisada na **Revista da Faculdade de Ciências Econômicas**, quando, então, perfilhei algumas idéias

que nos eram comuns. A primeira obra do autor a impressionar-me foi **Síntese do Desenvolvimento Literário no Brasil**, que evitava citar nome de autores e relacionava idéias, correntes de opiniões. Gostei menos da **História da Literatura Brasileira**: seus fundamentos econômicos, que me pareceu extremamente esquemática e frustrante em algumas observações. Quanto ao ISEB, pasma a indiferença com que as suas publicações são tratadas ainda hoje, mormente nas universidades paulistas. Seria salutar para os estudos brasileiros a reabertura da bibliografia do ISEB, desigual, mas importante para o desenho da nacionalidade em face de suas aspirações. A indignação com que a ditadura militar destruiu a contribuição do ISEB traduz bem o caráter emancipador das propostas em curso naquele instituto de estudos brasileiros. Possuo, ofertados pelo autor, os dois volumes da obra **Consciência e Realidade Nacional**, de Álvaro Vieira Pinto, ainda não devidamente estudada e avaliada no Brasil. O primeiro volume cuida de “A Consciência Ingênua” e o segundo de “A Consciência Crítica”. Álvaro Vieira Pinto chefiava o Departamento de Filosofia do ISEB; Nelson Werneck Sodré o Departamento de História; Cândido A. Mendes de Almeida o Departamento de Política; Júlio Barbosa o Departamento de Filosofia e Ignácio M. Rangel o de

Economia.*****

NP: Também é notória a influência de Jean-Paul Sartre sobre o pensamento desenvolvido pelo senhor naquela época. O livro **Situações II**, de Sartre, serviu de epígrafe para o seu texto “Caminhos da consciência literária nacional”, publicado em **Tendência** 3. O senhor poderia falar sobre isso e sobre a visão de literatura engajada da revista?

FL: O “engajamento” era uma das palavras-chaves da época. Fui leitor constante dos trabalhos de Jean-Paul Sartre. Explorei muito a idéia da obra como “apelo” constante do ensaio “Qu’est-ce que la littérature?” do livro **Situations II**, de Sartre. Conforme tenho acentuado, a gente mesclava muito o existencialismo com o marxismo. O próprio Jean-Paul Sartre procurou o mesmo caminho, quando publicou a sua **Critique de la Raison Dialectique** de 1960. No meu livro **Compromisso Literário** encontram-se ecos do meu trabalho na linha já anunciada na revista **Tendência**, que editamos de 1957 a 1962.

NP: No arquivo de Rui Mourão, há uma carta-resposta de João Cabral de Melo Neto, endereçada ao senhor, escrita em

***** Ao ser criado, em 1955, o ISEB possuía cinco departamentos: o de Filosofia, dirigido Álvaro Vieira Pinto; o de História, pelo qual Cândido Mendes respondia; o de Economia, chefiado por Ewaldo Correia Lima; o de Sociologia, sob a direção de Guerreiro Ramos e o de Ciências Políticas, coordenado por Hélio Jaguaribe.

Sevilha e com data de 11 de janeiro de 1957. O texto dessa carta mostra que o senhor havia pedido colaboração ao poeta pernambucano e ele lhe dá alguns conselhos, especialmente sobre pesquisa formal em literatura. João Cabral de Melo Neto teria sido um mentor intelectual para o grupo **Tendência**?

FL: Tive diálogo freqüente com João Cabral de Melo Neto, interrompido pela falta de endereço dele, nas suas andanças de diplomata. Dei notícia disso, ao transcrever trechos de sua correspondência no meu livro **O poeta e a mídia**: Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto. João Cabral não chegou a ser “mentor” do nosso grupo. Não incorporei ao meu repertório todas as suas reivindicações, pois discordamos acerca de autores brasileiros.

NP: O último número de **Tendência** (1962) revelou ter havido um debate intenso de Haroldo de Campos e Décio Pignatari, poetas do grupo concretista paulista, com os membros da revista. O senhor e Rui Mourão pareciam mais reticentes às idéias dos concretistas do que Affonso Ávila. O senhor escreveu que a contribuição de outras artes seria estranha à poesia e que seria “improcedente denominar-se <<poesia>> ao produto da <<conquista do espaço gráfico>> e da unidade verbivocovisual”

(**Tendência** 4, 1962, p. 61). O senhor continua achando que poesia deveria se realizar apenas pela palavra, sem a utilização e procedimentos de outras artes?

FL: As divergências entre mim e os concretos nasceram principalmente de princípios conceituais. Achava-os alienados. Além disso, percebi que eles adotavam, como iniciativa sua, idéias, conceitos e avaliações entradas no Brasil como contrabando. O diálogo da escrita com o espaço gráfico, este último pareceu-me rico não como categoria estrutural, mas como ornamento intensificador do discurso literário. Hoje em dia os limites dos gêneros literários perdem sua nitidez. Temos ensaios em forma de ficção e narrativas de cunho reflexivo, filosófico. Poemas que convergem para a prosa; e prosa poética, até metrificada. Mas tudo no âmbito das palavras. As artes plásticas guardam outros fundamentos, como também a escultura e a arquitetura. A estética, desde o início, situou a arte como busca do belo. Hodiernamente, abandonou-se a noção de beleza, difícil de definir, e se concentrou mais na construção artesanal da obra, ou no deslocamento do objeto de sua função prática para o foco do olhar e da observação desinteressada, mas edificante. O tema é por demais

complexo e não cabe discuti-lo em toda a sua extensão, pois envolve a crise do sujeito e o poder da recepção da obra, condicionante ou talvez modificante do trabalho criador.

FL: Nesse mesmo ensaio, o senhor disse que a poesia moderna seria um diálogo com letrados porque a enorme distância existente entre a elite e o povo, causada por profundas desigualdades sociais, teria feito com que os artistas modernos se requintassem ao extremo, sem conseguir dialogar com a maioria. Enquanto não fossem corrigidas as desigualdades, pela via política, os intelectuais continuariam condenados a escrever para seus semelhantes. O senhor continua pensando da mesma maneira?

FL: Penso que a desigualdade social e econômica do Brasil é tão pronunciada que acaba polarizando os modos de expressão. Tenho lido vários autores da chamada periferia e sinto preocupações temáticas diferentes das inscritas no romance ou na poesia das camadas mais letradas. O cinema brasileiro tem absorvido, em linguagem de sutil acabamento, o impasse da população favelada, nesta época de intenso inchaço urbano.

NP: O senhor considera que o movimento Tendência pode ser incluído nas chamadas vanguardas de 1950/1960?

Como o senhor explicaria o fato de textos sobre a literatura daquela época não incluírem Tendência entre as vanguardas? Cito, apenas como exemplo, **Vanguarda européia e Modernismo brasileiro**: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1957 a 1972, de Gilberto de Mendonça Teles, e **Impressões de viagem**: CPC, vanguarda e desbunde: 1960 / 1970, de Heloísa Buarque de Hollanda.

FL: O problema das vanguardas constitui uma corrida de mau agouro, cada grupo a buscar a dianteira em relação aos demais. Sobre isso refleti na obra **Vanguarda, história e ideologia da literatura**. ***** **Tendência** trazia o seu espírito de vanguarda atrelado à noção de totalidade. Daí que a idéia de revolução de conteúdo contaminasse as experiências formais. E vice-versa. A omissão de **Tendência** em vários balanços contém fundo ideológico, preconceito e reserva de poder literário

***** Nesse livro, no artigo “Vanguarda literária no Brasil”, Fábio Lucas apontou os movimentos vanguardistas brasileiros, começando pelo Modernismo. Nos anos de 1950/1960, relacionou, como exemplos de poetas de vanguarda: o grupo concretista reunido em torno da revista **Noígrandes**; Ferreira Gullar; Mário Chamie; Alvaro de Sá e Wladimir Dias Pino, os dois últimos como representantes do “poema-processo”; Affonso Ávila e Affonso Romano de Sant’Anna, participantes da revista **Tendência**, e destacou também as obras de Sebastião Nunes e Hilda Hilst (LUCAS, 1985, p. 36-37). Contudo, em outro texto do mesmo livro, Lucas afirmou que o Concretismo seria caracterizado como “falsa vanguarda”, divulgando “obras de suporte teórico das ‘novidades’ que já eram antigas” (LUCAS, 1985, p. 10).

para grupos beneficiados pela mídia. Em determinadas circunstâncias a omissão traduz pura e simplesmente arrematada ignorância.

NP: No texto “Vigília da inteligência” (**Tendência**, 1962, p. 148), o senhor adotou a denominação literatura de criação, para a ficção, poesia e drama, e literatura científica, para o ensaio e a crítica. Essa seria uma maneira de valorizar o trabalho do crítico literário, nivelando-o ao dos poetas e dos ficcionistas?

FL: Hoje considero a crítica e o ensaio formas especiais de criação literária. Um discurso sobre outro discurso. Foi assim que argumentei para propor o Prêmio Camões a Antonio Candido. O lado “científico” sugerido por mim na época de **Tendência** significava a exigência de capacitação do intérprete da obra literária para o exercício de sua tarefa. Tratava-se de chamar a atenção para a competência do crítico e do ensaísta.

NP: O senhor e Rui Mourão envolveram-se em algumas polêmicas em jornais, decorrentes de críticas à proposta de **Tendência**. Ao que me consta, os senhores debateram com Gustavo Corção, Adolfo Casais Monteiro, Otto Maria Carpeaux, Mário Chamie e Ivan Ângelo. Quais foram os ataques sofridos por **Tendência** e como ela se defendeu?

Ou os senhores também teriam atacado para se defender?

FL: As polêmicas em que nos envolvemos se traduzem em relação a mal-entendidos quanto à proposta de **Tendência**. Posso dizer que, do desentendimento inicial, nasceu, naquela circunstância, estreita amizade entre mim e Carpeaux. Acabei como a pessoa encarregada de dar destino à sua biblioteca, por solicitação de sua viúva, D. Helena. Também discordei, em muitos pontos, de Afrânio Coutinho. Depois, nos aproximamos amistosamente. Fui voto decisivo na concessão de um dos prêmios que lhe foram conferidos.

NP: Aque o senhor atribui o encerramento de **Tendência**?

FL: **Tendência** cessou de sair por vários motivos. Razões pessoais nos dispersaram. A revista cumpriu a sua breve história, como tantas outras no país. Chegou a ultrapassar os três números convencionais de duração.